

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Matheus Henrique Plutarco Rodrigues Lima

**MUDANÇAS, INOVAÇÕES, NECESSIDADES E LEGADO DA DOCTRINA DO
EXÉRCITO BRASILEIRO NO PERÍODO DE 1919 A 1945**

RESENDE

2020

Matheus Henrique Plutarco Rodrigues Lima

**MUDANÇAS, INOVAÇÕES, NECESSIDADES E LEGADO DA DOCTRINA DO
EXÉRCITO BRASILEIRO NO PERÍODO DE 1919 A 1945**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2020:

Banca examinadora

Luiz Emílio Da Cás – CEL Refo

Alexsander Soares Elias - Maj

Luiz Felipe Garcia Dos Santos - Cap

RESENDE

2020

Dedico esse trabalho a Deus, a minha família que sempre me deu forças para nunca desistir dos meus sonhos e me incentivaram a ser quem eu sou e a todos os meus irmãos de farda por terem me ajudado quando precisei, sendo verdadeiros camaradas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à minha família, por ter me incentivado em todos os momentos da minha vida a ser uma pessoa digna e de caráter, além de me proporcionar em todos os momentos da minha vida o apoio necessário para ser quem eu sou hoje.

Aos meus irmãos de farda que fiz durante toda a minha formação, constituindo uma verdadeira família durante os anos de Academia com quem pude muito aprender sobre diversos valores militares.

Ao meu orientador, que soube me guiar perfeitamente nos caminhos da pesquisa acadêmica referente ao meu tema e mostrou-se sempre disposto a sanar dúvidas e prestar orientações diversas para a conclusão do meu trabalho.

RESUMO

MUDANÇAS, INOVAÇÕES, NECESSIDADES E LEGADO DA DOUTRINA DO EXÉRCITO BRASILEIRO NO PERÍODO DE 1919 A 1945

AUTOR: Matheus Henrique Plutarco Rodrigues Lima

ORIENTADOR: Luiz Emílio Da Cás

A finalidade desse estudo de campo é evidenciar quais foram as circunstâncias que envolveram a necessidade da mudança de doutrina do Exército Brasileiro durante o período de 1919 até 1945, passando por duas doutrinas durante esse curto período, determinar quais foram as mudanças necessárias que foram implementadas para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e o legado que temos até hoje devido a esse período de incorporação de novas doutrinas, marcado pela troca da doutrina francesa, iniciada pela Missão Militar Francesa em 1919 pela doutrina norte americana incorporada pela FEB. Dentre essas implementações e legados estão os uniformes utilizados pela FEB, os manuais de campanha e a própria organização das tropas no combate.

Palavras-chave: Doutrina, Exército, Mudanças, Necessidades, Legado.

ABSTRACT

AUTHOR: Matheus Henrique Plutarco Rodrigues Lima

ADVISOR: Luiz Emílio Da Cás

The purpose of this field study is to highlight the circumstances that involved the need to change the doctrine of the Brazilian Army during the period from 1919 to 1945, going through two doctrines during that short period, to determine what were the necessary changes that were implemented to the entry of Brazil in the Second World War with the Brazilian Expeditionary Force (FEB) and the legacy that we still have due to this period of incorporation of new doctrines, marked by the exchange of French doctrine, initiated by the French Military Mission in 1919 by the northern doctrine American company incorporated by FEB. Among these implementations and legacies are the uniforms used by FEB, the campaign manuals and the very organization of troops in combat.

Palavras-chave: Doctrine, Army, Change, need, legacy.

LISTA DE ABREVIATURAS

1ªGM – Primeira Guerra Mundial
2ªGM – Segunda Guerra Mundial
EB – Exército Brasileiro
FEB – Força Expedicionária Brasileira
MMF – Missão Militar Francesa
TO – Teatro de Operações
DMN – Doutrina Militar Norte-Americana
BDA – Brigada
BDA MS – Brigada Mista
ESQD – Esquadrão
ESQD MS – Esquadrão Misto
BC – Batalhão de Caçadores
RCI – Regimento de Cavalaria Independente
RAM – Regimento de Artilharia Montada
DE – Divisão de Exército
DC – Divisão de Cavalaria
RCD – Regimento de Cavalaria Divisionária
BTL – Batalhão
BE – Batalhão de Engenharia
AV – Aviação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS	9
1.1.1 Objetivo geral	9
1.1.2 Objetivos específicos	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 A MISSÃO MILITAR FRANCESA	10
2.1.1 A polaridade e a escolha da origem da Missão Militar	11
2.1.2 O Exército antes da MMF	12
2.1.3 As mudanças e inovações trazidas pela MMF	13
2.1.4 As escolas militares	14
2.1.5 Instrução, Exercícios militares e os avanços da doutrina	17
2.1.6 A Organização	18
2.1.7 As mudanças que vieram com a MMF	19
2.2 A DOCTRINA MILITAR NORTE AMERICANA	22
2.2.1 A FEB e a sua organização	24
2.2.2 As necessidades da FEB	25
2.2.3 Instrução e treinamento	26
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	29
3.1 TIPO DE PESQUISA	29
3.2 MEIOS UTILIZADOS	29
4 A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA DO BRASIL	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Segundo a definição da OTAN, uma doutrina militar é o conjunto dos “Princípios fundamentais pelos quais as forças militares guiam suas ações em apoio a objetivos. Ela é autorizativa, mas requer julgamento em sua aplicação”. A doutrina militar é a alma que rege um Exército. Ela deve servir de referência na tomada de decisões nos campos de batalhas em todos os níveis, tático ou estratégico, nas técnicas, táticas e procedimentos, além de estar presente em diversas áreas dentro da força como nos regulamentos de uniformes, ordem unida e treinamento físico militar. A doutrina deve ser planejada, adaptada e implementada pelo comando e Estado-Maior da Força. Assim, como sendo uma determinação do comando, ela define as decisões e modos de agir da Força, objetivando a uniformizar e padronizar as suas ações.

Embora ela seja um norte para uma Força, é fundamental que ela seja atualizada de tempos em tempos e moldada de acordo com os novos desafios e necessidades da Força, assim como foi feito na participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil adaptou a sua doutrina à doutrina do Exército dos Estados Unidos.

Na antiguidade os ensinamentos militares eram muito básicos e se limitava a histórias das batalhas que eram repassadas para as novas gerações de guerreiros cujos conhecimentos adquiridos serviam de base para os treinamentos de seus exércitos.

Em 2019 completou 100 anos da Missão Militar Francesa no Brasil, um episódio em que passamos a assimilar muito do conhecimento militar francês e incorporá-lo cada vez mais na nossa doutrina militar (que até aquele momento era muito deficiente em diversos aspectos) e alguns desses ensinamentos são de grande importância que estão presentes até hoje na nossa doutrina tamanha a sua relevância.

Outro momento de marcante mudança de nossa doutrina foi antes e durante o transcurso da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil viu novamente a necessidade de adaptar a sua doutrina de acordo com as necessidades do momento, sendo decisivo para isso o contato aproximado com o Exército dos Estados Unidos.

Assim, é importante entender quais foram os motivos que fizeram o Brasil se aproximar desses países no contexto temporal em que estava inserido, quais eram as suas necessidades e os resultados que trouxeram.

Atualmente é essencial que o Exército estimule o seu corpo permanente, principalmente os oficiais na produção de conhecimento militar a fim de atualizarem as suas técnicas, táticas e procedimentos para otimizar e maximizar o desempenho da força em diferentes áreas e não ficar vulnerável perante as Forças de outros países.

Como disse certa vez o Rui Barbosa: O Exército pode passar cem anos sem ser usado, mas não pode passar um minuto sem estar preparado. Essa máxima mostra perfeitamente a preocupação e a importância de se ter um Exército bem preparado para as adversidades do futuro, os desafios e as incertezas do combate atual, cada vez mais tecnológico, bem como um adestramento constante da Força, tudo isso está ligado diretamente à confecção de novos manuais de combate, atualizações de uniformes, fardamentos e armamentos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Levantar as mudanças sofridas pela Doutrina Militar do Exército Brasileiro nos períodos da Missão Militar Francesa e da aproximação militar com os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.

1.1.2 Objetivos específicos

Identificar como se deu a incorporação da doutrina militar francesa durante a Missão Militar Francesa, mostrando as necessidades do momento e o seu posterior legado. Identificar quais foram as principais necessidades do Exército Brasileiro durante a campanha na 2ª GM, as mudanças em nossa Doutrina Militar através do contato e treinamento com o Exército dos Estados Unidos e o legado dessa doutrina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A MISSÃO MILITAR FRANCESA

Inicialmente é necessário entender como foi a Missão Militar Francesa no Brasil, que teve início em 1919 e quais foram os aspectos gerais, dificuldades e como ocorreu a missão.

Segundo Bellintani (2016) haviam duas diferentes vertentes sobre a doutrina militar do Exército Brasileiro antes da MMF. Uma acreditava que essa doutrina tinha inspiração positivista, a outra acreditava que não havia doutrina alguma.

Conforme Silva (2015) desde o início do século XX, era uma constante preocupação do governo e do Exército Brasileiro adquirir conhecimento dos grandes Exércitos Europeus da época. A atualização da doutrina militar do EB não era uma preocupação exclusiva dos militares, mas também da diplomacia nacional preocupados com a soberania nacional em um período de consolidação territorial brasileiro e em conflitos regionais e internacionais.

Em 1919 o Brasil contratou a Missão Militar Francesa (MMF) para instruir o nosso Exército e capacitar a nossa força com o que tinha de melhor na atualidade. No período de 1914 a 1918 ocorreu a 1ª Guerra Mundial que ficou assim conhecida devido a proporção mundial que essa guerra tomou ao ser marcada pelo enfrentamento das grandes potências mundiais daquela época. Houve dois sistemas de alianças nessa guerra: a Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia) e a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália). No fim da Guerra os países da Tríplice Entente se tornaram vitoriosos e dentre esses países se destacou a França em uma guerra estática de defesa de posição.

A Missão Militar Francesa teve início no Brasil em 1919 e foi uma missão militar do tipo instrução que pode ser definida segundo Malan (1988):

A missão de instrução é organizada em um país, por solicitação de outro para neste último e mediante um acordo ou contrato firmado entre dois governos, prestar assistência e transmitir ensinamentos visando, através de organização adequada, doutrina conveniente e eficiente preparo, tudo devidamente adaptado às finalidades conjunturais e aos recursos disponíveis, a tornar o mais objetivo possível, o organismo bélico do país assistido.

2.1.1 A polaridade e a escolha da origem da Missão Militar

De acordo com Silva (2015) no início do Século XX o Brasil estava decidido a contratar uma Missão Militar de Instrução (MMI) dentre as quais se dividiam algumas autoridades entre os sistemas doutrinários alemão e francês. Dentre essas autoridades que defendiam o sistema doutrinário alemão estavam o Barão do Rio Branco, o Marechal Hermes da Fonseca e alguns Oficiais que haviam estagiado no Exército alemão. Dentre as autoridades que defendiam a doutrina militar francesa se destaca o Capitão Alphonse Fanneau de La Horie, adido militar francês no Brasil. De La Horie pensava em uma missão militar de longa duração para reformular completamente as bases doutrinárias do EB à época, diferentemente do que seria feito futuramente com a FEB, quando enviada para lutar no teatro de operações europeu na segunda guerra mundial.

Os chamados “jovens turcos” eram Oficiais do Exército Brasileiro que haviam estagiado no Exército Alemão no final da primeira década do século XX que trouxeram da Alemanha a inspiração para a transformação do Exército Brasileiro. Eles fundaram a revista “A Defesa Nacional, onde publicavam sobre suas preocupações sobre as condições humanas e materiais do EB, expressavam suas opiniões sobre a instituição e publicavam traduções de artigos e regulamentos estrangeiros, principalmente alemães (LEMOS, 2014).

O Capitão De La Horie, que atuara como instrutor na missão de instrução francesa junto a Força Pública de São Paulo, propôs um intercâmbio entre os dois Exércitos e realizou um estudo intitulado “Do envio de uma Missão Militar Brasileira à França e de uma Missão Militar Francesa ao Brasil” que foi de grande importância para a escolha da Missão Militar Francesa (SILVA, 2015).

Lemos (2014) afirma que direcionando o olhar para a conjuntura militar do Brasil após o fim da Revolta do Contestado, em 1917, iniciou-se no congresso nacional uma série de

debates sobre a escolha de uma missão militar de instrução, francesa ou alemã. Com a escolha dos franceses, iniciou-se a discussão sobre a assinatura dos termos dos contratos.

A Missão Militar Francesa foi escolhida para instruir o Exército Brasileiro e mesmo não sendo a escolha ideal para os “jovens turcos” foi devidamente apoiada por eles, já que os interessava a contratação de uma missão militar que trouxesse profissionalismo e organização para o EB, além de que a vitória francesa na Primeira Guerra Mundial mostrava para eles que a doutrina francesa estava ao menos no mesmo nível da doutrina militar germânica (LEMOS, 2014).

Silva (2015) diz que a Missão Militar Francesa no Brasil contou, inicialmente, com a participação de 23 militares franceses, sob o comando do General-de-Brigada Maurice Gamelin. O então Ministro de Guerra da Brasil, Cardoso de Aguiar, desejava um oficial general no comando da MMF que possuísse uma enorme competência técnica, um General moço, sadio e que soubesse que enfrentaria um Exército desfalcado de péssimas condições, além de enfrentar uma possível resistência de oficiais brasileiros pelo fato de serem educados por um oficial estrangeiro. Assim, o General Gamelin foi escolhido.

2.1.2 O Exército antes da MMF

O Exército Brasileiro, do início do século XX, foi muito influenciado pelo positivismo do filósofo francês Augusto Comte. O Positivismo é uma corrente filosófica que procura entender a sociedade e seus fenômenos de forma racional, semelhante ao que acontece nas ciências exatas, pretendendo fazer previsões e estimativas do futuro da sociedade.

O Positivismo passou a influenciar fortemente as lideranças brasileiras no final do século XIX, visto que a atual bandeira do Brasil que fora adotada oficialmente em 19 de novembro de 1889, após a Proclamação da República, traz consigo o lema do positivismo francês “Ordem e Progresso”.

Desde o período imperial o positivismo passou a influenciar a política e o Exército Brasileiro. Os Oficiais passam a adotar essa filosofia e conseqüentemente difundir esses ideais nas escolas militares e na doutrina do EB, influenciando a corporação (BELLINTANI, 2009).

Assim, conforme Bellintani (2009, p. 66):

As escolas militares, a partir de 1850, começam a sofrer forte influência positivista via ensino da matemática e da geometria analítica, devido à difusão do Curso de filosofia positiva, segunda fase dos escritos de Comte. Os mestres repassam aos alunos a ideia tecnicista de progresso científico, e a escola, que deveria adestrar os alunos para o cumprimento das tarefas militares, se volta ao ensino da matemática

O baixo soldo, a falta de escolas e de instrutores competentes no preparo militar o material bélico obsoleto e as péssimas condições de infraestrutura foram motivos para a decadência da estrutura militar do Exército Brasileiro nacionalmente e internacionalmente. A continuidade do ensino positivista e a ausência de um espírito militar cria o despreparo militar (BELLINTANI, 2009).

Conforme Bellintani (2009) quando a missão chega ao Brasil, encontra o Exército em condições deploráveis: inexistente uma ligação entre governo e Exército; as grandes unidades não estão constituídas e não possuem mobilização; as seções do EME não dialogam entre si; o efetivo é baixo e os regulamentos sem aplicação prática.

2.1.3 As mudanças e inovações trazidas pela MMF

A MMF trouxe novos manuais para o Exército Brasileiro e o Conselho de Defesa Nacional. Para Bellintani (2009, p. 308):

Entre as importantes mudanças ocorridas devido à missão, estão o Regulamento Disciplinar do Exército e o Regulamento para Instrução e Serviços Gerais, de 1920, bem como o Conselho de Defesa Nacional, criado em 1927 para planejar a mobilidade no território nacional, levando em consideração as dificuldades de transporte, de ordem econômica e o aspecto psicológico dos militares.

Segundo Bellintani (2016) o Exército Brasileiro na época precisava de um corpo de doutrina que fosse aceito por todos os oficiais brasileiros para a devida manutenção da ordem e da disciplina. Os franceses eram extremamente contrários à intervenção militar na política, importando aos militares somente os assuntos da caserna. O General Gamelin ao assumir o comando da MMF logo introduziu medidas a fim de regulamentar o funcionamento das escolas militares e organização da Força Terrestre, contribuiu para a modernização do Exército e do Ensino e na formação profissional. O Exército Brasileiro passa a entender o oficial com uma função social e nacional a cumprir. Ao reformular a doutrina militar brasileira, a MMF faz um

reexame dos conceitos básicos adotados pelo Exército, cria novos regulamentos, organiza a instrução, os exercícios nas manobras, e as grandes e pequenas unidades.

Bellintani (2016, p. 3) afirma que a MMF:

Realiza concursos para admissão na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME); cria curso de preparação para o concurso de admissão; estabelece uma doutrina; realiza exercícios de terreno e em mapas; desenvolve o método cartesiano de raciocínio: missão, inimigo, terreno, meios, bem como o emprego combinado dos sistemas operacionais; organiza regulamentos; desenvolve conhecimentos de instrução estratégica e ensino prático; cria o curso de alto comando e de aperfeiçoamento em 1939.

Tais mudanças provocadas pela Missão Militar Francesa já causaram grandes transformações no Exército, visto que trouxe inovações que interferiram diretamente na formação curricular dos oficiais brasileiros ao criar o curso de alto comando e de aperfeiçoamento de oficiais.

Para Bellintani (2016, p. 3) :

Uma das contribuições mais relevantes da MMF para o Exército é a difusão e entendimento de que sua finalidade maior é a guerra. Os militares brasileiros passam a reconhecer que o fim dos exércitos é a guerra; portanto, em tempos de paz, devem-se adquirir conhecimentos teóricos e práticos de como enfrentar o inimigo, de como se defender e atacar, de como construir pontes ou manusear o material bélico, entre outros. Assim, o Exército passa a se preocupar com o inimigo externo, identificando-o e montando o plano de defesa nacional.

Para Bellintani (2016) outro relevante legado para o EB foi a importância da educação física para o militar. Ela trouxe grande importância para a formação dos militares brasileiros, pois a atividade física, quando bem-feita, traz inúmeros benefícios para a saúde física e mental, condicionando o militar para atuar sob as mais diversas situações de emprego, como em terrenos irregulares ou climas extremos.

2.1.4 As escolas militares

A Escola de Estado-Maior foi criada em 1905, mas só começou a funcionar em 1907. Inicialmente ocupou as instalações da Escola Militar da Praia Vermelha de 1907 a 1910,

onde voltou a funcionar posteriormente até 1918. Em 7 de Abril de 1920 foi reaberta numa ala do Quartel-General na praça da República (MALAN, 1988).

No livro intitulado “Missão Militar Francesa De Instrução Junto ao Exército Brasileiro” do General Alfredo Souto Malan (1988, p. 100) é perceptível a importância inicial da MMF com o discurso das autoridades

Na cerimônia de abertura da nova Escola de Estado-Maior O General francês Gamelin dá ênfase a doutrina:

“E, quando estiverdes progressivamente habituados a encará-las (as questões táticas) da mesma maneira, poderemos dizer que a Doutrina passou para os vossos reflexos.”

O então Presidente Epitácio Pessoa diz:

“... pedimos à França a missão, cujo primeiro fruto é a inauguração desta escola [...] esta casa vai ser para tal fim um grande laboratório. Não só para os mestres, mas também para os discípulos, que têm nela uma alta missão a desempenhar. Os primeiros devem ter a ambição de formar, nesta parte da América, um corpo de Oficiais aptos para, um dia, se for preciso, reproduzir aqui as qualidades militares que fizeram do Exército Francês um dos melhores exércitos do mundo. Tal obra será seu orgulho. Os Outros, os discípulos, têm de mostrar que as lições dos mesmos caíram em terreno fértil, fecundado pelo gênio latino, que nos empenhamos em manter o Brasil, herdeiros que somos dessa civilização fascinadora, cujo fulgor e cuja glória é para nós questão de honra conservar e difundir.”

A primeira turma que passou a cursar a Escola de Estado-Maior foi submetida a um concurso, como era feito no Exército Francês (MALAN, 1988).

Malan (1988, p. 101) afirma:

Desde o início na base do estudo de temas táticos, onde procuravam os instrutores caracterizar a aplicação da Doutrina, através do equacionamento dos problemas e do respeito às prescrições regulamentares, foram se criando reflexos naqueles que seriam auxiliares e mesmo chefes do novo Exército. Cedo também, se pensou em dar auxiliares diretos aos instrutores franceses, oficiais brasileiros selecionados que mais tarde viriam a substituí-los.

b. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

Em 8 de Abril de 1920 se deu a inauguração da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, que tem como missão o aprofundamento do conhecimento dos Oficiais sobre suas armas para que estejam mais capacitados para passar o conhecimento para os seus subordinados (BELLINTANI, 2016).

Conforme Malan (1988, p.103):

“Num plano nitidamente de execução procurou, desde logo, a Escola aconselhar os alunos no estudo de problemas táticos [...] Como na Escola de Estado-Maior, cedo começaram a ser designados Oficiais brasileiros para auxiliares dos Oficiais franceses. O fim da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais era ministrar, aos Oficiais alunos, os conhecimentos necessários para que se tornassem aptos a cumprir o duplo papel que incumbe a cada Oficial:

- Chefe durante a paz e na guerra;

- Instrutor durante a paz.

c. Escola de Intendência e de Administração

No discurso do então Ministro Calógeras é perceptível o sonho com a futura unificação das forças armadas. Com o aprendizado referente a logística em “Canudos” e nas operações do “Contestado” era iniciado com a inauguração das Escolas de Intendência e de Administração uma revolução devido a MMF que levaria a formar os Oficiais de Intendência na Academia Militar, mesmo ambiente que que eram formados os Oficiais das Armas (MALAN, 1988)

d. Escola de Veterinária do Exército

Fundada em 1914, passou a funcionar em 1920 sob as diretrizes técnicas de especialistas da MMF. Passou a ser regida por um novo regulamento aprovado por decreto em 1920 em que são atribuídas as suas finalidades de fiscalização de alimentos de origem animal, fiscalização dos homens da tropa e a saúde dos seus animais (MALAN, 1988).

e. Centro de Capacitação Física

Foi criada em 1931, com o objetivo principal de ensinar a prática da educação física. A valorização da educação física é, como já dita, um dos grandes legados da Missão Militar

Francesa no Brasil, sua disciplina e preparação é essencial para o bom desempenho nas atividades militares além de ser importante na promoção dos militares (BELLINTANI, 2016).

Com todas essas evoluções nas Escolas Militares do Exército Brasileiro, Bellintani (2016, p. 15 e 16) conclui:

Na década de 30, o profissionalismo militar é cada vez mais valorizado; as escolas passam a ser vistas como os verdadeiros centros de formação profissional, especializando oficiais e graduados na técnica do combate e do emprego das armas. As únicas escolas que não sofrem a influência direta da MMF são: a Escola de Engenharia Militar, a Escola de Instrução de Artilharia de Costa e o Instituto Geográfico Militar. A Escola de Engenharia conta com professores brasileiros; a de Artilharia de Costa é organizada pela Missão Militar Americana de Costa e o Instituto Geográfico Militar é coordenado pela missão austríaca, na confecção de mapas das regiões brasileiras. O trabalho da MMF contribui para a profissionalização e organização do Exército Brasileiro, na formação do novo corpo de oficiais e dos reservistas, no reequipamento dos destacamentos, na preparação para a guerra moderna e na solidificação de uma doutrina militar.

2.1.5 Instrução, Exercícios militares e os avanços da doutrina

Em seus relatórios, o Ministro Calógeras faz menção à aquisição de material bélico moderno, à dotação de prédios e terrenos para o aquartelamento, campos de instrução, instalação de arsenais e fábricas para os serviços de apoio do emprego da tropa (MALAN, 1988)

Aprovado em 1921, a “instrução provisória sobre o emprego tático das grandes unidades serviu de guia da MMF. A principal ideia da instrução é a centralização do comando em toda a ação, auxiliada pelos meios de comunicação (MALAN, 1988).

Segundo Malan (1988, p. 122):

Malan (1988, p. 122) afirma sobre Gamelin:

“ E na sua natural e reconhecida capacidade de conferencista, assenta os marcos iniciais da maneira de pensar e equacionar os problemas táticos.”

A partir daí surgem então, os fatores da decisão, que são os pilares do método de raciocinar, o primeiro estado da doutrina, para Gamelin (MALAN, 1988).

Em relatório de 1923, é feito uma nova referência à doutrina onde encontra-se que os ensinamentos da Missão Militar Francesa têm sido passados de maneira profícua, fazendo referência a incansável dedicação de seus membros. Na Escola de Estado-Maior, por exemplo, os ensinamentos passaram a ter uma vertente eminentemente prática, ao contrário do que era feito antes da MMF, fazendo os Oficiais viverem a situação das grandes unidades e o funcionamento correto das funções tudo isso dentro de uma mesma Doutrina. (MALAN, 1988).

2.1.6 A Organização

Para Malan (1988) a Organização do Exército Brasileiro passou por diversas modificações entre elas, a Organização do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, em 1908, a organização do General José Caetano de Faria, em 1915, a Organização do General Alberto Cardoso de Aguiar, em 1919, a Organização do Dr. João Pandiá Calógeras em 1919, 1920 e 1921, e finalmente a Organização do General Fernando Setembrino de Carvalho, em 1923. A partir de Calógeras, as modificações foram orientadas seguindo as premissas da Missão Militar Francesa.

No capítulo referente a Constituição Orgânica do Exército, o decreto diz que a constituição do Exército é compreendida com aparelhos de direção e aparelhos de execução. O Comando do Exército é constituído de seus órgãos entre eles O Ministério da Guerra, O Estado-Maior do Exército, e os Grandes Comandos, cabendo a estes inspecionar o Grupo de Regiões, Comando Militar de Divisão e Região e Comando de Circunscrição Militar (MALAN, 1988).

Ainda segundo Malan (1988):

As unidades são distribuídas em cinco Divisões de Infantaria (DI) – eram antes e voltaram a ser em 1972, Divisões de Exército (DE) – três Divisões de Cavalaria (DC) e uma Brigada Mista (Bda Ms), além de outras Unidades independentes. A DI é quaternária, composta por 2 Bda de Infantaria, cada uma a 2 Regimentos (RI a 3 Btl). Possui mais uma Bda Art, 1 RCD, 1 BE e 1 Esqd Av[...] As DC também são quaternárias, pois se compõem de 2 Bda, cada uma a 2 RC. As Brigadas Mistas, Bda Ms, em Mato Grosso, é uma remota forma das Forças de Observação organizadas em 1888 sob o comando do Marechal-de-campo Deodoro. [...] A Bda Mista composta de 3 BC, 2 RCI, 1 RAM, 1 BE e 1 Esqd Ms de Av.

2.1.7 As mudanças que vieram com a MMF

A Missão Militar Francesa provocou intensas modificações no Exército Brasileiro que vão desde a influência nas instruções militares, exercícios, regulamentos até a formação do militar brasileiro, principalmente dos oficiais.

Os ensinamentos na Escola Militar passaram a ser eminentemente profissionais e práticas, algo há muito tempo esperado, afirma Motta (2001, p.264):

O certo é que, em 1919, atinge-se, afinal, o objetivo perseguido desde 1905: uma escola moldada segundo padrões nitidamente militares, com um currículo em que os assuntos profissionais ocupam setenta por cento do tempo de estudos, com um “ensino prático” rigoroso e absorvente, e com um regime disciplinar severo, que por vezes até se reveste de uns certos toques de prussianismo[...].

A MMF marca uma mudança do ensino meramente teórico, o qual dominava a Escola Militar, para um ensinamento prático e relevante para a carreira militar. Na obra “A Formação do Oficial do Exército Brasileiro” de Jehovah Motta, há um trecho do relatório de então Ministro Cardoso de Aguiar em que fica evidenciado essa necessidade de uma instrução mais prática no EB. De acordo com o Ministro:

Sobretudo é preciso tirar do caráter eminentemente teórico de que se vem revestindo o nosso ensino militar, malgrado as sucessivas e repetidas transformações de regulamentos, e emprestar-lhe definitivamente, a feição prática e técnica que se impõe presentemente, em face do extraordinário desenvolvimento da indústria militar. Para isso, porém, convém buscar fora os mestres já formados por uma longa campanha de quatro anos, oficiais de elite, em condições de facilitarem enormemente a nossa tarefa, tornando rápida a transição e fazendo surgir em curto prazo novas gerações de oficiais práticos, dispostos a trabalhar, esclarecidos, sabendo a fundo o ofício, e confiantes no valor próprio. Daí o pensamento de contratar uma missão francesa para nos ajudar nessa urgente tarefa de reformas.

A tarefa dos franceses foi principalmente ensino a realizar nas escolas. Influenciaram nas reformas orgânicas, colaboraram com os regulamentos que foram sendo criados e foram preponderantes nos estudos de grandes linhas de ordem estratégica de problemas de segurança nacional (MOTTA, 2001).

Motta (2001) afirma que as armas de artilharia e engenharia, que possuíam de cinco a sete anos de formação passaram a ter a mesma duração que as armas de infantaria e cavalaria.

As disciplinas que passaram a dominar o currículo na categoria “Ensino teórico-prático” foram “organização do Exército e tática das armas”, “armamento”, “marchas e estacionamentos”, “exploração e segurança”, “fortificação”, “pólvoras, explosivos e artefatos de pirotecnia”, “topografia militar”, “balística” e “história militar”. Já a categoria de “Ensino prático” é bastante amplo e envolve diversas áreas da atividade profissional. Os temas táticos são práticos e aproximam os alunos dos manuais táticos, estimula a capacidade de resolução, a iniciativa e o espírito ofensivo. O ensino de armamento voltar-se-á para esclarecer a eficácia das diferentes armas. A topografia será explorada como um meio de auxiliar a tática através do significado militar das formas do terreno e a História Militar será importante para entender os processos táticos utilizados por grandes líderes para se auxiliar na geração de ideias durante a guerra (MOTTA, 2001).

Ainda para Motta (2001, p. 259):

A chamada instrução Militar [...] deve ser ministrada inteiramente de acordo com os regulamentos das diversas armas e serviços do Exército, seguindo os instrutores, o mais possível, os programas estabelecidos no Regulamento Interno e dos Serviços Gerais e os métodos já consagrados na preparação da tropa.

A MMF foi aos poucos modificando o emprego do Exército Brasileiro, refazendo manuais como os de serviço em campanha e de emprego das armas (BELLINTANI, 2016)

A partir da década de 1930, os militares franceses passaram a influenciar cada vez mais a organização do EB em detrimento do ensino militar. Para Bellintani (2016, p. 9):

A MMF, mesmo com um número de oficiais franceses extremamente reduzido, não deixa de atuar: seus membros, ligados à organização do Exército, além de trabalharem junto ao EME, continuam o treinamento dos alunos das escolas, com exercícios sobre mapas, hipóteses de guerra, e também com exercícios sobre terreno, no Rio Grande do Sul, com vistas à cobertura e mobilização. Assim, os alunos são treinados para o reconhecimento do terreno, fazem práticas de embarque e de transporte por via férrea e por automóveis, e treinam tiros reais.

Na Escola de Estado-Maior era realizada a execução prática dos ensinamentos teóricos a exemplo do que aconteceu em setembro de 1935, onde a escola empregou a tática de

infantaria, cavalaria e artilharia em viagem a Taubaté. Nessa ocasião foi desenvolvido o estudo de manobra ofensiva e de retirada, além da exploração e reconhecimento da região, que também era desejo da EEM (BELLINTANI, 2016).

Além desse exercício, outros também ocorreram com o objetivo de treinar os conhecimentos sobre tática geral no Rio Grande do Sul, estudo de cobertura de região de Jaguarão e Exercícios combinados com a Marinha em Porto Alegre (BELLINTANI, 2016).

Ainda na década de 1930 a MMF passa a se preocupar com a organização do Exército Brasileiro, já a instrução fica cada vez mais a cargo dos próprios brasileiros, já orientados de acordo com os ensinamentos da MMF até então (BELLINTANI, 2009).

Bellintani (2009, p. 459) cita que no tocante a organização do EB, em relatório do Gen Spire ele planejava:

Entre os planos de reorganização do Exército, está a criação de uma infantaria divisionária de três regimentos, cada regimento com três batalhões, mais uma companhia de metralhadoras pesadas; uma artilharia divisionária com um regimento de artilharia de 75 de montanha; um regimento de artilharia de 75 de campanha e um regimento de obus; um regimento de cavalaria com quatro esquadrões; um batalhão de engenharia com uma companhia de transmissões, duas companhias de engenheiros pioneiros e uma companhia de equipagem divisionária.

A MMF realiza um plano de defesa para o Brasil baseando-se no efetivo, mobilização, transporte e armas. Além desse plano de defesa, um plano de reorganização do Exército é apresentado ao chefe do Estado-Maior do Exército para apreciação, com soluções para a organização, e o funcionamento do Conselho Superior de Defesa Nacional e do Conselho Superior de Guerra (BELLINTANI, 2009).

Segundo Bellintani (2009, p. 462) em correspondência do Cel Baudouin ele afirma:

A mobilização deve ser instruída em todas unidades, principalmente no Rio Grande do Sul. Nessa região, devem ser adotados os carnês de setor, indicando itinerário, viabilidade, localidades, pontes com água, pontes secas, entre outros dados, de suma importância para a mobilidade na região.

Bellintani (2009, p. 462) afirma:

A sugestão feita por Baudouin para 1934 é a elaboração de diversos planos visando ao emprego e à mobilização das forças armadas; entre esses, são priorizados os planos de informações, de cobertura, de transporte, de defesa de fronteira, de arquivos com constituição de mapas, de reunião de forças, de funcionamento de serviços, de vias de comunicação, e de estabelecimento de recursos.

A Missão Militar Francesa inseriu as novas divisões das Regiões Militares do Exército Brasileiro, para Bellintani (2009, p. 463) “Em 1937, o trabalho da MMF concentra-se na EEM, na Escola das Armas e na Escola Militar. Sua ação pode ser sentida na organização das regiões militares e nos exercícios de quadros.”

Em um contexto de guerra a mobilização é um dos fatores preponderantes. O plano de mobilização descreve as unidades a serem mobilizadas, o pessoal e o material necessário e os serviços prestados (BELLINTANI, 2009).

2.2 A DOCTRINA MILITAR NORTE AMERICANA

A Missão Militar Francesa permaneceu no Brasil até meados de 1940 quando a França foi invadida pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e os instrutores franceses que estavam no Brasil devido a MMF tiveram de voltar à França.

Em face a nova forma de guerrear da Alemanha, a doutrina estática de guerra que corou a França na Primeira Guerra Mundial não era mais uma solução contra a blitzkrieg “guerra-relâmpago” da Alemanha nazista.

A doutrina francesa desde 1918 até a derrota para os Alemães na 2GM era puramente defensiva. Seus pensadores militares, influenciados pela Primeira Guerra Mundial construíram uma doutrina que embora não fosse excluído, o ataque era visivelmente deixado em segundo plano. A prioridade era a defesa do território nacional e a construção da Linha Maginot foi a expressão máxima dessa doutrina (SILVA, 2015)

A doutrina americana diferentemente da doutrina francesa, era uma doutrina baseada na mobilidade do combate e ofensividade. Na Primeira Guerra Mundial a França obteve êxito com uma doutrina totalmente estática em uma guerra que ficou conhecida como “guerra de trincheiras” tamanha era a característica estática do combate.

Assim, a Doutrina Militar Francesa passou a ser obsoleta e tanto a França quanto o Brasil passaram a ter necessidade de adaptar suas doutrinas ao novo cenário que ocorria durante a Segunda Guerra Mundial. O Modelo a ser seguido passou então, a ser a Doutrina Militar Norte Americana:

Por intermédio do fenômeno da Blitzkrieg, observa-se clara mudança da emulação brasileira à doutrina francesa para à estadunidense. Tal passagem teve como marco fundamental o fracasso militar francês em 1940 e o surgimento de uma nova forma de fazer a guerra implementada pelo Exército alemão. O método em questão foi assimilado pelos exércitos aliados durante o conflito e chegou ao Brasil notadamente via aliança militar que vinculou o país aos Estados Unidos a partir de 1942 (MORAIS; ALVES, 2016, p. 59)

A guerra agora era baseada na mobilidade e para ter êxito na guerra o Exército americano organizou a sua Divisão de Infantaria de forma diferente dos Exércitos europeus:

Quanto a organização a Divisão de Infantaria Americana possuía um modelo ternário. Os comandantes em cada nível possuíam três unidades de fuzileiros e uma unidade de armas pesadas. A Divisão era composta por três regimentos de infantaria e uma unidade de artilharia divisionária. Cada regimento de infantaria era composto por três batalhões de fuzileiros e um batalhão de armas pesadas. Cada batalhão possuía três companhias de fuzileiros e uma companhia de arma pesada e cada companhia possuía três pelotões de fuzileiros e um pelotão e um pelotão de armas pesadas (SILVA, 2015)

Essa organização teve um foco maior na mobilidade em detrimento do poder de fogo, mas essa mudança também proporcionou maior flexibilidade no uso das unidades para que a Divisão receba reforço no cumprimento de missões específicas (SILVA, 2015)

É essencial entender a dimensão e organização da Força Expedicionária Brasileira, tropa enviada para o Teatro de Operações da Itália e comandada pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, para compreendermos a dificuldade logística e doutrinária necessária para treinar e sanar as necessidades gerais da tropa.

2.2.1 A FEB e a sua organização

Conforme Meira Mattos (1983) O chamado 1º Escalão foi a tropa da FEB que seria adestrada e enviada para a Itália, cuja organização estava na Portaria Ministerial nº 47-44 publicada no Boletim Reservado de 13 de Agosto de 1943.

Segundo Moraes (2005) assim se dividia o contingente brasileiro enviado para a Itália:

a) Infantaria:

Comando e Estado-Maior da Infantaria Divisionária, o 1º Regimento de infantaria (Regimento Sampaio), do Rio de Janeiro; o 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava; o 11º Regimento de Infantaria, de São João d'El Rei.

b) Cavalaria:

Esquadrão de Reconhecimento, da Vila Militar (Cidade do Rio de Janeiro), organizado pelo 2º Regimento Motomecanizado.

c) Artilharia:

Comando e Estado-Maior da Artilharia Divisionária; I Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, criado e organizado no 1º Grupo de Obuses, de São Cristovão; II Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, com elementos do 1º Grupo de Artilharia de Dorso, de Campinho; o I Grupo do 2º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, formado com elementos do 6º Grupo de Artilharia de Dorso, de Quitaúna; e o 1º Grupo do 1º Regimento de Artilharia Pesada Curta, proveniente do Grupo Escola, do Rio de Janeiro.

d) Engenharia:

9º Batalhão de Engenharia, de Aquidauana.

e) Saúde:

1º Batalhão de Saúde proveniente das formações sanitárias (1ª e 2ª) das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

f) Além desses contingentes, ainda havia uma tropa especial composta por:

Companhia do QG da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ªDIE); Companhia de Manutenção; Companhia de Intendência; Companhia de transmissões; Pelotão de Polícia e a Banda de Música Divisionária.

Com esse imenso contingente é perceptível que houve diversas dificuldades no comando e controle dessas tropas. Moraes (2005) afirma que o EB havia sido instruído pela Missão Militar Francesa e suas tropas estavam organizadas de acordo com essa doutrina e de uma hora para outra se viu a necessidade de organizar todo esse contingente de acordo com os moldes do Exército dos Estados Unidos.

Não só a organização se tornou essencial para a FEB, mas também o adestramento dessa tropa. De acordo com Moraes (2005, p. 28)

Sua Organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de construir uma divisão de infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos.

2.2.2 As necessidades da FEB

Ao entrar na Segunda Guerra Mundial ao Lado dos Estados Unidos e dos Aliados, o Brasil teve de se organizar de acordo com o Exército Norte Americano e com isso veio as necessidades de instrução, uniformes, armamentos.

A totalidade do material bélico brasileiro foi adquirido na Europa, por isso muito do material a ser utilizado pelos convocados e mesmo os soldados aproveitados na FEB não conheciam o material. Isso ocorria até mesmo em relação aos oficiais (MORAES, 2015).

Um uniforme adequado para o Teatro de Operações europeu também era uma necessidade imediata para o EB:

O material era escassíssimo e obrigava, em consequência, a verdadeiros milagres de revezamento. Relativamente à falta de uniformes adequados ao uso em território europeu, basta declarar que foi necessário uniformizar a FEB, sem que praticamente pudesse ser aproveitada uma só peça de material existente nos depósitos do Exército (MORAES, 2005, p.29)

A infantaria e artilharia, por exemplo, tiveram algumas alterações em sua estrutura, Segundo Moraes (2005, p. 30):

Quantos às modificações a introduzir no equipamento dos corpos de infantaria, releva citar que o armamento era desconhecido entre nós, tais como o fuzil garand, o morteiro 60mm, a bazuca, a metralhadora leve ponto trinta, o canhão anticarro de 57mm e o obus de 105 mm. Além do armamento, as unidades de Infantaria não conheciam os aparelhos de radiofonia, telefonia e radiotelegrafia, tudo reclamando, além da robustez física indispensável, a formação de equipes homogêneas e o conhecimento individual de técnica de manejo e emprego. Na artilharia, sobressaía um sensível acréscimo da potência de fogo, com a substituição do veterano canhão de 75mm pelos ditos 105mm e 155mm.

2.2.3 Instrução e treinamento

No que se refere a instrução e treinamento do Exército Brasileiro, a aproximação à organização norte-americana, que era intensamente motorizada, e em face ao material de guerra amplamente desconhecido pelos militares brasileiros, era natural a incorporação de regulamentos e processos de instrução diferentes dos que os militares do EB estavam habituados (MORAES, 2005).

Para o devido andamento do adestramento da tropa, foi prontamente necessário a tradução dos manuais norte-americanos e regulamentos de instrução e emprego (MORAES, 2005).

Ao passo que ocorriam as traduções dos manuais e regulamentos americanos, oficiais que estagiaram no Exército dos Estados Unidos facilitaram bastante no adestramento dos expedicionários (MORAES, 2005).

A preparação técnica e tática da 1ªDIE foi encarada pelo chefe expedicionário em dois ciclos bem diferentes: um treinamento inicial, modelado na instrução individual e a ser concluído em dezembro de 1943; e um “desenvolvimento geral da instrução”, abrangendo dois períodos e objetivando o emprego de unidades constituídas (MORAES, 2005, p. 34)

De acordo com Moraes (2005) dentro do ciclo de instrução individual, foi dado ênfase ao tiro com armas, instrução física e marchas de treinamento. Frequentes marchas de 32 km a pé, exercícios em pistas de treinamento especializado conseguiram melhorar o estado físico da tropa.

Moraes (2005) afirma que as limitações de materiais de guerra e a escassez de armamento dificultaram o alto nível de adestramento, principalmente na instrução tática. Era previsto para o período final do adestramento um exercício no próprio TO o que resultaria um melhor ensinamento tático das unidades.

Em solo europeu, mais especificamente em Vada, o Exército Brasileiro intensificou o seu adestramento em um período de três semanas. A instrução foi realizada com a dotação completa de material e progrediu muito bem, realizaram-se exercícios em diversos escalões (MORAES, 2005).

Os últimos dias do período de instrução final foram vividos dentro do grande exercício de 36 horas, iniciado em 10 de Setembro, o qual constituiu a recordação emocionante do acampamento de Vada. [...] Constituiu-se por uma marcha de 36km e um importante e difícil exercício de combate no qual se fez uso de abundante quantidade de munição de guerra. Para acompanhar essa prova em todos os seus pormenores, foram destacados pelo IV Corpo de Exército cerca de 270 oficiais norte-americanos, investidos das funções de árbitros (MORAES, 2005, p.54).

As dificuldades enfrentadas no Brasil em relação a organização, seleção física, escassez de material impediram que a FEB alcançasse os objetivos finais de instrução e foram somados na Itália ao retardamento de entrega de material e as necessidades da frente de combate forçaram a DI entrar em linha num estado de adestramento incompleto. Isso fez com que a ela fosse a única divisão a não receber o ciclo das instruções das grandes unidades norte-americanas (MORAES, 2005).

Como uma forma de amenizar essa perda, a Expedição Brasileira tirou proveito dos instantes mais tranquilos no combate para realizar sessões práticas de instrução baseado nos ensinamentos recém adquiridos pelos americanos (MORAES, 2005).

No decorrer do inverno de 1944-45, o comando brasileiro intensificou o treinamento de oficiais, fazendo realizar um ativo plano de instrução. No período de estabilização que precedeu as operações de fevereiro de 1945, cuidamos de apurar a capacidade ofensiva dos comandos em todos os escalões. No Quartel-General avançado de Porretta Terme, nesse entrementes, realizou-se com o propósito de aprimorar a nossa técnica ofensiva, um esmerado e vantajoso curso de conferências, proferidas por oficiais norte-americanos e brasileiros. Esse curso, tratando somente de assuntos vinculados ao combate ofensivo, mereceu a honra de contar com a colaboração, como conferencistas, dos Generais Truscott e Crittenberger, comandantes do V Exército e IV Corpo, respectivamente (MORAES, 2005, p. 67)

Os manuais americanos tiveram grande importância no adestramento e na instrução, sendo relevante também para a complexa mobilização da FEB e para isso foi necessário a tradução de cerca de 115 regulamentos americanos e mais de 210.874 exemplares (BENTO; GIORGIS, 2014).

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi feita uma pesquisa bibliográfica com o intuito de coletar informações a respeito das necessidades, mudanças da Doutrina Militar do Exército Brasileiro nos períodos de 1919 até 1945. Diversas fontes de diversos períodos históricos foram utilizadas para obter informações relevantes, contribuindo para obter diferentes ângulos de vista da problemática abordada pelo tema.

3.2 MEIOS UTILIZADOS

Foram utilizados como meios de pesquisa Artigos de jornais online e revistas eletrônicas além de trabalhos de conclusão de cursos, dissertações, e livros relacionados ao tema tanto de autoria de militares como de autoria de civis. As bases que se apoiou esta pesquisa foram principalmente a Doutora em História e professora Adriana Iop Bellintani e do Mestre em História Social Daniel Albino da Silva, no meio civil, o Marechal Mascarenhas de Moraes, e o General Alfredo Souto Malan, no meio militar.

No meio militar foi possível adquirir conhecimento sobre a organização, adestramento, treinamentos, instrução, necessidades e mudanças enquanto no meio civil foi aprendido mais sobre as relações entre os países, como se deu cada passo da negociação entre os países envolvidos, e os legados das duas doutrinas estudadas.

4 A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA DO BRASIL

Com as parcerias político-militar que foram concretizadas entre o Brasil e os Estados Unidos devido a Segunda Guerra Mundial, os dois países tiveram os laços estreitados. O Brasil possuía uma posição estratégica importante, a exemplo das instalações portuárias de Natal:

As instalações aeroportuárias existentes na cidade de Natal tiveram grande importância durante a Segunda Guerra Mundial e se converteram em ponto chave do sistema de transporte aéreo das forças aliadas, já que facilitavam a ligação aérea desde os Estados Unidos até os teatros de operações do Norte da África, Mediterrâneo e a China. Em novembro de 1942 se revelou importante para apoiar a operação Torch, além de se mostrar imprescindível para proteger os comboios mercantes aliados dos submarinos do Eixo que operavam no Atlântico (HENRIQUE, 2018, p. 10)

Vargas inicialmente tomou uma posição de neutralidade, fazendo aproximações com os dois lados do conflito, Estados Unidos e Alemanha, já que o Brasil detinha uma importância geopolítica no cenário da 2ªGM. Após a entrada dos Estados Unidos na 2ªGM, a pressão para que o Brasil aderisse ao conflito ao lado dos Estados Unidos só aumentou, o que dificultou para Vargas manter a posição de neutralidade (HENRIQUE, 2018)

Os Estados Unidos viam no Brasil uma solução para muitos de seus problemas e assim em 1942 Vargas declarou apoio aos americanos, mesmo inicialmente não desejando a presença de militares americanos em solo brasileiro:

Pela sua localização privilegiada e pelos abundantes recursos agrícolas, extrativos e minerais, bem como pela sua importância política regional, o Brasil concentrava os principais esforços de negociação. Um choque de interesses se evidenciou rapidamente: os Estados Unidos queriam enviar militares seus para a construção, reforma, administração e proteção das bases, e o governo brasileiro, por seu lado, não queria receber soldados, mas sim armas e recursos estadunidenses para organizar sua própria defesa. Somente após meses de negociações pacíficas de ambos os lados, no início de 1942 foi autorizado o uso das bases do Norte e Nordeste brasileiros às Forças Armadas dos Estados Unidos (FERRAZ, 2005, p. 15 apud HENRIQUE, 2018, p. 11)

Essa relação bilateral, trouxe para o Brasil benefícios como a construção do complexo siderúrgico de Volta Redonda, que incentivou a indústria brasileira e a produção de armamentos para fortalecer as Forças Armadas do Brasil (HENRIQUE,2018).

Algumas cidades do Nordeste brasileiro foram bastante frequentadas por soldados e oficiais estadunidenses, a exemplo de Natal, que devido a sua importância geográfica, por ser o ponto mais oriental das Américas, ficou conhecida como o “trampolim da vitória” (HENRIQUE, 2018)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período entre guerras até pouco antes de entrar na Segunda Guerra Mundial, o Exército Brasileiro esteve em constante evolução doutrinária. Passou de um Exército quase sem uma doutrina, como afirmavam alguns pensadores da época, para um Exército profissional e com uma série de ideias incorporadas a exemplo dos manuais de campanha do Exército Francês, a importância do treinamento físico militar para a boa preparação para o combate, a concepção de uma defesa nacional do território brasileiro, a visão do oficial com um papel social a cumprir, a separação entre o meio militar e o meio político, assim os militares não poderiam se rebelar politicamente, os fatores da tomada de decisão, os quais até hoje são muito presentes nos estudos de situação e tomadas de decisões do Exército Brasileiro em todos os níveis de comando. A Missão Militar Francesa foi fundamental para toda essa transformação desde a organização do EB até a influência nas escolas de formação e até mesmo nas criações de novas escolas.

A doutrina militar francesa trouxe reformas mais amplas que a americana, influenciando as escolas de formação desde a própria criação (a exemplo da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1920 e do Centro de Capacitação Física do Exército em 1931) até o que deveria ser ensinado e como deveria ser ensinado dando ênfase na aplicação prática do que era ensinado na teoria, como nos exercícios das grandes unidades na ECEME.

A Missão Militar Francesa trouxe a importância do Exército se preparar para a guerra nos tempos de paz. Outro ponto importante foi a ênfase que se deu à mobilização do Exército Brasileiro para que em casos de guerra se tenha um rápido acionamento das unidades, do material e pessoal necessário, o que antes era inexistente, e foi imprescindível para a rápida mobilização da FEB, mesmo com as dificuldades encontradas.

A Doutrina Americana foi incorporada no início da Segunda Guerra Mundial e teve de ser feita de forma bastante rápida, mas trouxe frutos futuros para o Exército Brasileiro. Uma das grandes transformações, e talvez a mais importante, advindas da doutrina americana no período da Segunda Guerra Mundial é a nova organização das tropas no EB. A Força Expedicionária Brasileira passou a ser organizada com uma Divisão de Infantaria mais enxuta composta por três regimentos de infantaria e cada regimento com três batalhões, diferentemente da divisão anterior que foi feita pela MMF e com menor poder de fogo, dando mais velocidade a mobilidade da tropa em detrimento do poder de fogo.

O Brasil teve de organizar rapidamente as suas tropas em um modelo bem diferente das suas Divisões de Infantaria quaternárias, como eram até então, o que exigiu uma reação rápida do comando da FEB, sendo essa uma de suas principais dificuldades nesse período. Além dessa dificuldade, houve outras como a dificuldade de instrução e adestramento. Ocorreram exercícios de marchas para a preparação da física da tropa e execução de pistas de combate, sendo muitas delas feitas em tempo insuficiente e algumas vezes com materiais insuficientes.

Os militares brasileiros também começaram a ter contato com armamentos, uniformes, veículos e obuseiros diferentes, o que dificultou, em alguns casos na correta aplicação útil do material, mas que depois trouxe transformações para o Exército Brasileiro, como a substituição dos obuseiros da artilharia para os calibres 105mm e 155mm.

O fato da FEB ter contato com o material até então desconhecido pelos militares brasileiros fez com que muitos oficiais fossem fazer estágios para adquirir conhecimentos necessários para a correta utilização do material, o que trouxe bastante benefícios para o Exército Brasileiro.

A tropa brasileira chegou para combater equipamentos e uniformes inadequados para o ambiente operacional que iria atuar, a Itália com o seu clima frio e o Brasil com seu clima quente, o que fez com que os pracinhas brasileiros chegassem ao campo de batalha com uniformes que utilizavam para o clima quente no Brasil. Os uniformes tiveram de ser entregues pelos americanos, mas mesmo assim não foi suficiente para toda a tropa.

Tanto a Doutrina Militar Francesa quanto a Doutrina Militar Americana trouxeram relevantes transformações para o Exército Brasileiro, a maioria delas em diferentes campos, mas ambas despertaram no EB a necessidade e a importância dos manuais de campanha como o regulamento para a direção das grandes unidades, trazido pela MMF, e os field manuals americanos que foram sendo traduzidos para o português.

REFERÊNCIAS

BELLINTANI, Adriana Iop. Relações França-Brasil: o legado da Missão Militar Francesa (1920-1940) para o Exército Brasileiro. **Meridiano 47: Journal of global studies**, Boa Vista, v. 1, n. 17, p. 2-4, dez/2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/scientific-contributions/35908867_Adriana_Iop_Bellintani. Acesso em: 16 fev. 2020.

BELLINTANI, Adriana Iop. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. 2009. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **BRASIL - Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas (Em defesa de sua integridade, soberania, unidade, independência e integração; e da liberdade e democracia mundiais)**. Resende: Fahimtb/ihtrgs, 2014. 558 p.

BRASIL. **CURIOSIDADES DA DOCTRINA: VOCÊ SABIA?**. Disponível em: <https://www.cdoutex.eb.mil.br/vocesabia/voce_sabia_23.html>. Acesso em: 21 set. 2019

HENRIQUE, Heitor Esperança. As Relações Internacionais Entre Brasil e Estados Unidos Na Segunda Guerra Mundial. **Historia.com**, Cachoeira, v. 5, n. 10, p. 3-23, 29 dez. 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/941/614>. Acesso em: 25 maio 2020.

LEMOS, Thiago Tremonte de. **Desejos de Modernidade:: o exército brasileiro e a missão militar francesa de instrução (1917-1927)**. 2014. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de História, História, Puc, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12835>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1988. p. 39

MALAN, Gen Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução Junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988. 267 p.

MATTOS, Meira; **O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época**: subtítulo do livro. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983. p. 93-94

MORAES, J. B. M. D. **A FEB pelo seu comandante**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. p. 26-35; 53-54; 64-67

MORAIS, João Rafael Gualberto de Souza; ALVES, Vágner Camilo. Da Influência Francesa à Norte-Americana: Análise da Blitzkrieg na Revista A Defesa Nacional (1936-1944). **Coleção Meira Mattos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p.59-70, jan./abr. 2016.

MOTTA, Jehovah. **A formação do Oficial do Exército**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001. 312 p.

SILVA, Daniel Albino da. **A DIALÉTICA DE DOUTRINAS FRANCESA E NORTE-AMERICANA NO EXÉRCITO BRASILEIRO: O CASO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**. 2015. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.